

O ITEM CONJUNCIONAL *E* EM AMOSTRAS DE FALA DO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO: O SÉCULO XVI ATUALIZADO

Betty Bastos Lopes Santos¹
Wellington Gomes de Jesus²

53

RESUMO

O presente estudo diacrônico objetiva investigar as mudanças ocorridas no item conjuncional *e* no século XVI, a partir de análises realizadas na Carta de Pero Vaz de Caminha acerca das conjunções, em comparação ao português contemporâneo, conforme Amostras da Língua Falada na Zona Rural de Anselino da Fonseca, em Piemonte da Diamantina – BA. Pretende-se, assim, verificar se o uso do item conjuncional *e* no português contemporâneo ainda conserva marcas significativas daquele português quinhentista.

Palavras-chave: Mudança Linguística. Item Conjuncional *e*. Século XVI. Carta de Pero Vaz de Caminha. Português Contemporâneo.

INTRODUÇÃO

Estudos acerca dos itens conjuncionais são bastante notáveis, e se considerarmos a sua ocorrência desde o português quinhentista, segundo o comentário de Barreto (2004, p. 13), ver-se-á “a grande produtividade dessa classe gramatical que através dos séculos, vem renovando os seus elementos componentes, apresentando perdas e ganhos e, sobretudo, formações diversas, englobando itens de todas as classes gramaticais”.

Para celebrar essa experiência, a partir de pesquisas já realizadas sobre as conjunções na *Carta de Pero Vaz de Caminha*, destacamos algumas constatações relevantes para o desenvolvimento deste trabalho, que pretende observar a ocorrência do item conjuncional *e*, bem como as mudanças sofridas no uso dessa conjunção, até o século XVI, para assim, confrontá-la com as observações colhidas no *corpus* do português contemporâneo nas *Amostras da Língua Falada na Zona Rural de Anselino da Fonseca, em Piemonte da Diamantina – BA*, organizado pelas professoras Norma Lúcia Fernandes de Almeida e

¹ Graduada em Letras Vernáculas (UEFS), Pós-Graduada em Educação Especial (UEFS), Professora de Língua Portuguesa e Literatura – Secretaria de Educação do Estado da Bahia e Pós-Graduada em Linguística e Ensino-Aprendizagem da Língua Portuguesa (UEFS).

² Graduado em Letras com Língua Espanhola (UEFS) e Pós-Graduando em Linguística e Ensino-Aprendizagem da Língua Portuguesa (UEFS).

Zenaide de Oliveira Novais Carneiro, da Universidade Estadual de Feira de Santana, BA, em entrevista com moradores do povoado de Piabas e arredores.

1 O ITEM CONJUNCIONAL *E* DO SÉCULO XVI PARA O PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO

Numa análise das conjunções e correlações conjuncionais encontradas na *Carta de Pero Vaz de Caminha*, Barreto e Olinda (1996) objetivaram verificar o uso de conjunções e correlações conjuncionais, num intermédio entre a *Crônica de D. Pedro*, escrita entre 1418 e 1452 por Fernão Lopes, e as obras de João de Barros, datadas de 1540, na qual, para o nosso interesse, encontrou, na *Carta de Caminha*, 439 ocorrências da conjunção aditiva *e*.

Para aquele estudo, as autoras justificaram dois motivos para a escolha da *Carta de Caminha*, a saber, a) por ser um texto datado de 1500 e pertencer ao gênero epistolar, que apresenta, possivelmente, menos formalidade do que os outros supracitados e, b) o fato de que “a escrita de Caminha não esteve tão longe da forma como ‘praticava’ a sua língua” (CORTESÃO, 1967, apud BARRETO; OLINDA 1996, p. 139), o que nos permite inferir acerca de mudanças na língua oral a partir de registros escritos, visto que a língua escrita não se distanciava da língua oral conforme declara Marques (1964, apud MATTOS E SILVA, 2002, p. 33) sobre a língua escrita:

[...] a verdade é que nunca escolas e mestres particulares a ensinavam até fins da Idade Média. [...] o português era ouvido de berço, falava-se depois naturalmente e escrevia-se (os que escreviam) sem nunca ter aprendido. Daí o fato de a linguagem escrita se aproximar notavelmente da linguagem falada.

Nesse sentido, a presença do *e* na Carta de Caminha ocorre muito como encadeador da narrativa em posição inicial ou precedendo uma outra conjunção conforme mostra Barreto e Olinda (1996, p. 140):

- (1) *E* tanto que as naaos foram pousadas e amcoradas vieram os capitães todos aesta naao do capitam moor... (fol. 3v, 1.7-9)
- (2) *E* quando se sancho de toar rrecolheo aanaao querianse vêjr co ele alguüs... (fol. 10, 1. 29-31)

Esse seria o reflexo da língua oral que se revela na língua escrita levantado por Jaime Cortesão, cujos resultados da análise apresentam a conjunção *e* como o elemento conectivo mais utilizado na Carta de Caminha, ligando itens lexicais, sintagmas e sentenças. Uma análise posterior de Barreto (2002), em seu artigo, *Observações sobre as conjunções no século XVI*, observa a ocorrência da conjunção *e* em textos de tipos variados do século XVI, pertencentes ao período moderno da língua, aduzindo o item conjuncional *e* – já empregado

em séculos anteriores – como conjunção aditiva em textos do século XIII ao XV e nos *Diálogos de João de Barros*, sofrendo mudanças no século XVI, ligando itens lexicais, sintagmas, sentenças e ocorrendo, também, como encadeador de narrativas – configuração mais frequente.

2 COMPARANDO A CARTA DE CAMINHA ÀS AMOSTRAS DA LÍNGUA FALADA NA ZONA RURAL DE ANSELINO DA FONSECA

O estudo e comparação das ocorrências do item conjuncional *e*, em referência aos sucessos desse item no português contemporâneo, aproveitou uma das *Amostras da Língua Falada na Zona Rural de Anselino da Fonseca, em Piemonte da Diamantina* (p. 13-31), na qual se percebeu com bastante frequência o uso daquela conjunção.

A fim de chegar a uma comparação válida, elaborou-se uma hipótese. Se na *Carta de Caminha* as conjunções que mais se sobressaíram foram as comparativas, segundo Barreto e Olinda (1996), porque aquele cronista ensejava apresentar ao Rei de Portugal o máximo de detalhes da nova terra, a fauna, a flora, o povo e seu cotidiano, nada mais condizente com o objetivo daquele autor quinhentista do que fazer uso das conjunções comparativas. Seguindo esta lógica em uma entrevista, em que o locutor precisa motivar a fala do interlocutor e manter o encadeamento da situação comunicativa, o uso da conjunção *e* se torna indispensável, como apresenta o quadro (BARRETO; OLINDA, 1996, p. 138) das conjunções coordenativas encontradas na *Carta de Pero Vaz de Caminha*:

CONJUNÇÕES COORDENATIVAS*			
ADITIVAS	ADVERSATIVAS	CONCLUSIVAS	EXPLICATIVAS
e (439)	mas (15)	portanto (4)	Ca (2)
nem (3)	ante (1)	logo (1)	
que (7)	porém (2)		
	pero (8)		

* Os números que acompanham os itens conjuncionais indicam a frequência com que ocorrem no texto.

Essa conjunção pode servir não somente como encadeador da narrativa, no caso da *Carta de Caminha*, mas, também, como elemento encadeador da fala – a exemplo das amostras de fala do português contemporâneo aqui apresentadas, ou seja, uma entrevista sem

roteiro prévio. Além de conectar itens lexicais, sintagmas e sentenças, permite que tanto o locutor quanto o interlocutor não debilitem o fluxo natural da fala³, o que nos parece mais coerente numa entrevista em detrimento da atenção racional à melhor adequação gramatical dos elementos que compõem um período.

Numa situação comunicativa em que o locutor/interlocutor não dispõe de organização prévia da fala, o item conjuncional supracitado, às vezes, pode constituir-se em um elemento de pontuação:

(3) *E* chegou *e* comeu *e* dormiu.

Nessa ocasião, presume-se que um usuário da norma-padrão realizasse a frase de forma assindética nas primeiras orações e sindética na última, isto é, “Chegou, comeu *e* dormiu” utilizando a conjunção *e* apenas para finalizar o enunciado.

No entanto, o uso da conjunção *e* prescrito pela gramática tradicional aborda apenas o valor aditivo da conjunção em voga (CUNHA; CINTRA, 2007), sem negar que, em alguns casos, pode aparecer com valor adversativo, mas também, sem estender-se à outras possíveis abordagens (PASCHOALIN; SPADOTO, 1997, p. 138, 215):

(4) Paulo fala, *e* não faz. (*e* = mas)

(5) ‘É ferida que dói *e* não se sente.’ (*e* = mas)

A escassez da Gramática Tradicional quanto ao estudo aprofundado de alguns itens gramaticais não se trata apenas do item conjuncional *e*. Faraco (2007, p. 28) apresenta uma observação pertinente quanto aos grupos sociais de maior prestígio e sua postura conservadora, de que esses grupos pouco participam das mudanças por que a língua passa. Observa que, “[...] os grupos implementadores de mudanças têm geralmente baixo prestígio social e sua fala – inclusive aquilo que nela é inovação – costuma ser valorizada de forma negativa pelos grupos mais privilegiados econômica, social e culturalmente”, e por isso não aparecem com frequência nos manuais prescritivos da língua.

³ (MARCUSCHI, 1997) aborda o tipo, as funções e posições dos *Marcadores Conversacionais* (pausas, entonação, elementos lexicais e paralexiais), que tanto na produção oral quanto escrita servem como mesmo sistema linguístico para construção das frases, observadas as diferenças de meio e uso, dada a distinção entre escrita e fala. No quadro de Sinais Conversacionais e Verbais, criado por Marcuschi (1997, p. 68-71), observa-se que o item conjuncional *e* tanto pode configurar como marcador conversacional quanto sintático, cujos sinais produzidos pelo falante “[...] servem para sustentar o turno, preencher pausas, dar tempo à organização do pensamento, monitorar o ouvinte, explicitar intenções, nomear e referir ações, marcar comunicativamente uma unidade temática, indicar o início e o final de uma asserção [...]”. MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1997.

Todavia, a *Pequena Gramática do Português Brasileiro* (CASTILHO; ELIAS, 2012) apresenta uma explicação mais ampla dos seguimentos que a conjunção aditiva *e* coordena, validando uma colocação de Faraco (2007, p. 113) sobre a positividade da ciência linguística, a qual “hoje parece bastante consensual entre os cientistas a ideia de que a ciência não deve se reduzir a um registro passivo dos fenômenos, à sua coleta e descrição; é necessário também e principalmente explicá-los, torná-los inteligíveis”, como apresentam Castilho e Elias (2012).

Castilho e Elias (2012, p. 353) mostram as seguintes relações coordenadas pela conjunção *e*, a saber: a) elementos de composição de uma palavra, b) especificadores de um sintagma nominal, c) dois sintagmas nominais, d) duas sentenças e, e) vários turnos conversacionais, como mostram os exemplos abaixo:

- a) Na rua, é aquele movimento de vai e vem que não termina nunca;
- b) Com este e aquele argumento acabou convencendo a todos;
- c) (1)*Com um bom argumento e* (2)*grandes gritos*, acabou convencendo a todos;
- d) Convenceu a todos *e* não precisou mais gritar;
- e) *E* daí o entusiasmo [...] / *É... e...* mas... depois [...] / Não *é?* *e* estamos muito contentes [...]

Assim sendo, a partir da abordagem do item conjuncional *e* em Castilho e Elias (2012) e da metodologia utilizada por Barreto e Olinda (1996) na análise da *Carta de Caminha*, a investigação da ocorrência daquela conjunção aditiva nas *Amostras da Língua Falada na Zona Rural de Anselino da Fonseca, em Piemonte da Diamantina* revelou os seguintes dados:

ITEM CONJUNCIONAL <i>E</i> *					
ELEMENTOS DE COMPOSIÇÃO DE PALAVRAS	ESPECIFICADORES DE UM SINTAGMA NOMINAL	DOIS SINTAGMAS NOMINAIS	DUAS SENTENÇAS	VÁRIOS TURNOS CONVERSACIONAIS	TOTAL
02	01	12	46	88	149

* Os números indicam a frequência em que ocorreram na entrevista.

Observa-se que, assim como na *Carta de Caminha*, as formas mais frequentes nas *Amostras da Língua Falada na Zona Rural de Anselino da Fonseca* é da conjunção aditiva principalmente em posição inicial:

- (i) Doc. 1: *E* vive de que?⁴ (p. 13)
- (ii) Inf.: *E* é prometer, mas não dá. (p. 15)
- (iii) Inf.: *E* ai aparecia muito cágado debaixo dos pé de imbu, e acabou tudo mehmo. (p. 16)
- (iv) Doc. 1: *E* o qu' é que ele sente assim? (p. 17)

⁴ “Doc. 1:” é a abreviação para Documentador/entrevistador; enquanto “Inf. :” é a abreviação para Informante/entrevistado.

- (v) Inf.: *E*... é, hoje mehmo era pa ir no rio pegar umas piaba, oh. [...] (p. 18)
- (vi) Inf.: *E* menino homem não. A gente sai, deixa em casa, oh. (p. 20)
- (vii) Doc. 1: *E* ela costura. Já vai dar uma roupinha, né? Um sapato... (p. 21)
- (viii) Doc. 1: *E* a ligação E num teve medo, não? Como é? (p. 26)

A partir da classificação de Castilho e Elias (2012), as maiores ocorrências da conjunção *e* foram ligando vários turnos conversacionais (88) e ligando duas sentenças (46).

a) Vários turnos conversacionais

- (ix) Inf.: É. *E* aí num tem, a gente vai dormir cedo. (p. 15)
- (x) Inf.: Hum, *e* hoje em dia nada, cabou tudo. Nem um brinquedo p'as criança interter num tem. (p. 18)
- (xi) Doc. 1: É... *e*... quem sabe até daqui uns dia ela lhe ajuda, né? (p. 20)
- (xii) Doc. 1: É... *e* é parente, parente num vai maltratar, né? (p. 20)
- (xiii) Inf.: *E* aí eu ia pra lá, e ele ia fazer. Eu ia fazeno faxina, assim, nas casa... ganhar pa fazer faxina, lavar roupa, mas o meu avô num vai pra lá! Aí eu num posso fazer nada. (p. 22)
- (xiv) Inf.: ...chamei por Deus, criei coragem. Deus me deu coragem, aí eu liguei. *E* num tinha boca não. Esse outo morenim que tava aí nasceu com a perna doente, um tumor na perna e lá andei por São Paulo e num adiantou nada, *e* aí passei esse dois mêi lá. Deixei os menino aqui e andaha chorando direto, doida pra vim embora. *E* daí cheguei lá e demorou demais. Aí ele me deu o dinheiro da passagem e eu vim embora. Quando chegou aqui passou um bando de remédio e ele... Lá em Jacobina o povo me daha remédio. Era mehmo que num me dá. *E* aí o jeito que teve foi operar. E eu com barrigão desse aqui... (p. 22)
- (xv) Inf.: ...*e* aí meu irmão... meu cunhado morava lá na rua da bananeira. [Aqui não dá pa descascar não]. *E* aí eu fiquei lá na casa dele. Aí Deus ajudou que operou. É um tumor por dentro, assim, levou dez pontos... (p. 22)
- (xvi) Inf.: *E* aí quanto mais ele tomava injeção, paliava aqueles dia, dizeno que ia sarar, maih num sarava não, era uma coisa vivo *e* aí Deus ajudou que... que operou. Aí foi aquela V., a mulher de seu L. *E* aí eu levei lá pro hospital regional *e* aí me apeguei com V. *e* aí operou. *E* tiraro pa levar pa Juazeiro pa examinar... (p.23)

As ocorrências acima chamam atenção se comparado aos resultados obtidos a partir da análise dos textos do século XVI realizada por Barreto (2002), nos quais se observa um constante emprego do *e* como encadeador da narrativa.

b) Duas sentenças

- (xvii) Inf.: [Caiu, mamãe, caiu é, ôh mamãe do céu. Doida! Deixou meu fio cair, *e* a boca como tá suja de mingau. Tu nem tem juízo, maluca. Pára com isso!] (bebê chorando). (p. 17)
- (xviii) Inf.: Sou... sou. Ele só tem só eu de neta, *e* tem um neto em São Paulo. (p. 17)
- (xix) Inf.: Meu pai véi? Eu nem sei a idade qu'ele tem. [Toma *e*... dá a ele.]. (p. 19)
- (xx) Inf.: Né. Aí a mulher dele costura. Só queria pa fazer assim um arroz *e* passar a vassora na casa *e* lavar uma louça. Aí eu deixei ela ir. (p. 20)
- (xxi) Inf.: [...] Deixei os menino aqui *e* andaha chorando direto. [...] (p. 22)
- (xxii) Inf.: [...] Aí ele me deu o dinheiro da passagem *e* eu vim embora. [...] (p. 22)
- (xxiii) Doc. 1: Tem bala. Compre só um pra ele *e* dá o... o... o resto do troco de doce. (p. 25)
- (xxiv) Inf.: Mas, a minha foi geral. Agora acho que... Muitos que liga é em geral e é pa fazer a perina. Só daqui pra cima é vivo *e* pra baixo é morto.

Em menor frequência, encontrou-se o uso do item conjuncional *e* ligando c) especificadores de um sintagma nominal, d) elementos de composição de palavras e e) dois sintagmas nominais:

c) Especificadores de um sintagma nominal (01)

(xxv) Inf.: Esses cabelo vermeio dele, o povo diz que é intestino. Esse cabelo colorido assim preto *e* branco. Meuh menino nunca foi miúdo que nem esse enjiado. [...] (p. 17)

d) Elementos de composição de palavras (02)

(xxvi) Inf.: Completei trinta ano dia vinte *e* dois de julho. (p. 13)

(xxvii) Inf.: É. Pa comprar um saco de farinha de vinte *e* tantos reais. É duro viu... (p. 20)

e) Dois sintagmas nominais (12)

(xxviii) Inf.: Tudo. Quatro grande tudo estuda. Só os três pequeno que num dá pa ir, esse daí *e* esse pequenininho. (p. 14)

(xxix) Inf.: É, da maioria mehmo dos pobre que nem eu *e* outos po aí só vive mais porque a mãe... quem tem pai ainda tem o quê, e ajuda tomem, teno avó... daí ajudam, ói. [...] (p. 20)

(xxx) Inf.: ... eu *e* outa colega minha. [...] (p. 24)

(xxxi) Inf.: Que não faz medo de jeito nenhum esse pari, e parei. Mas eu já pari esses quato em casa. Só dois no hospital. Só esse daí *e* esse doente ruizinho das perna. (p. 25)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizando a presente investigação, pode-se considerar que o item conjuncional *e* encontrado na *Carta de Caminha*, do século XVI, ligando itens lexicais, sintagmas e sentenças ainda conserva marcas significativas no português contemporâneo.

A ideia de conservação abordada na investigação em voga, não está para a teoria do Conservadorismo do romanista Serafim da Silva Neto, mas voltada às considerações acerca dos aspectos e elementos formadores do português brasileiro, que levam em conta a importância equitativa das variantes linguísticas existentes no Brasil, dada a contribuição histórico-interativa primordialmente do português europeu e depois de tantas outras línguas (MATTOS E SILVA, 2004), situação delineadora do português contemporâneo.

Haja vista a heterogeneidade do português brasileiro cujas configurações e variantes tanto se aproximam dos crioulos de base portuguesa quanto do português europeu (MATTOS E SILVA, 2004), como podem ser analisada a partir das amostras de fala de indivíduos pouco ou não escolarizados, da comunidade rural de Anselino da Fonseca, em Piemonte da Diamantina – Bahia, um estudo mais amplo e aprofundado sobre as influências linguísticas

por que passou aquela comunidade se perceberá que, não apenas o item conjuncional *e*, mas outros itens conjuncionais, elementos gramaticais bem como itens próprios da conversação, ainda são pouco conhecidos e explorados.

3 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, N. L. F.; CARNEIRO, Z. O. N. **Amostras da língua falada na zona rural de Anselino da Fonseca**: Piemonte da Diamantina. Feira de Santana: UEFS; Salvador: FAPESB, 2008. p. 13-31. Coleção Amostras da língua falada no semi-árido baiano, v. 1.

BARRETO, T. M. Observações sobre as conjunções no século XVI. In: MATTOS E SILVA, R. V.; MACHADO FILHO, A. V. L. (Org.). **O português quinhentista**: estudos lingüísticos. Salvador: EDUFBA/UEFS, 2002. p. 161-193.

BARRETO, T. M.; OLINDA, S. R. M. Perseguindo as conjunções. In: MATTOS E SILVA, R. V. (Org.). **A carta de Caminha**: testemunho lingüístico de 1500. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1996. p. 137-148.

CASTILHO, A. T.; ELIAS, V. M. **Pequena gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2012.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3. ed. rev. e amp. Rio de Janeiro: Lexikon Informática, 2007.

FARACO, C. A. **Lingüística histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. 2. ed. rev. e amp. São Paulo: Parábola, 2007. Coleção Na ponta da língua, v. 12.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1997.

MATTOS E SILVA, R. V. O português brasileiro: sua formação na complexidade multilingüística do Brasil colonial e pós-colonial. In: COSTA, S. B. B.; MACHADO FILHO, A. V. L. (Orgs.). **Do português arcaico ao português brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2004. p. 115-137.

MATTOS E SILVA, R. V. Reconfigurações socioculturais e lingüísticas no Portugal de quinhentos em comparação com o período arcaico. In: MATTOS E SILVA, R. V.; MACHADO FILHO, A. V. L. (Orgs.). **O português quinhentista**: estudos lingüísticos. Salvador: EDUFBA/UEFS, 2002. p. 27-41.

PASCHOALIN, M. A.; SPADOTO, N. T. **Minigramática**. São Paulo: FTD, 1997.